



N.º 176—Lisboa, 5 de Janeiro

8.º ANNO 1907

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se aos sabbados
 Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA
 PREÇO AVULSO 40 RÉIS
 Um mez de publicação 80 réis.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50

Assignaturas (pagamento adeantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. | Brazil, anno 52 numeros 35000 rs.
 Semestre, 26 numeros. 15000 rs. | Africa e India Portuguesa, anno . 25000 rs.
 Cobrança pelo correio 5100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros... 35600 rs.

Nota: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

Composição e impressão
“A EDITORA,”
 L. do Conde Barão, 50

Ordem do dia

L. de M.

Official de marinha.
Auctor dramatico.
Poeta.
Professor.
Patriota.



Aos senhores assignantes

Em virtude da suspensão que, de abril a outubro ultimos, soffreu a publicação da "Parodia", estendem-se até o n.º 178 as assignaturas que deviam terminar em 30 de junho de 1906.

Estão á cobrança os recibos para a seguinte serie de 26 numeros e muito nos obsequiariam os nossos estimaveis assignantes de Lisboa mandando satisfazerlos ao nosso escriptorio até 19 de janeiro de 1907.

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Serviço da Costa Occidental e Oriental d'Africa

ITINERARIO

Lisboa.....(Part.)	1	7	22	Beira.....	11/12	--	--
Madeira.....	3	9	--	Leorenço Marqués.....	14/16	9	22
S. Vicente.....	--	13	--	Mossamedes.....	--	12	25
S. Thiago.....	--	14/15	28/29	Benguella.....	--	10/11	23/24
Principe.....	--	23/24	7	Lobito.....	--	13	26
S. Thomé.....	13	25/27	8/10	Novo Redondo.....	--	13	26
Cabinda.....	--	29	12	Loanda.....	25	14/16	27/29
St.º Antonio do Zaire	--	30	14	St.º Antonio do Zaire	--	17	30
Ambria.....	--	30	14	Cabinda.....	--	18	2
Loanda.....	16	1/3	15/16	S. Thomé.....	28	20/22	4/6
Novo Redondo.....	--	4	17	Principe.....	--	23	7
Lobito.....	--	5	18	S. Thiago.....	--	1	15
Benguella.....	--	6/7	19/20	S. Vicente.....	--	1	16
Mossamedes.....	--	8/9	21/22	Madeira.....	--	9	20
Leorenço Marqués.....	25/29	--	--	Lisboa.....(Cheg.)	12	7/8	22/23
Beira.....	4/5	--	--				
Mozambique.....	2/9	--	--				

VAPORES: Ambaca — Cazengo — Cabo Verde — Angola — Benguella — Zaire — Malange — Portugal — Africa — Loanda — Bolama — Zambezia — Principe — Mindello — Guiné e Lusitania.

Para carga, passagens e quaesquer esclarecimentos, dirigir-se: NO PORTO: aos agentes srs. H. Burmester & C.ª, rua do Infante D. Henrique.

Sede da Empresa: RUA D'EL-REI, 85 — LISBOA

Real Fabrica de Louça de Sacavem

Deposito geral R. da Prata, 126 a 132

GRANDE SORTIMENTO EM LOUÇA AVULSO

Variadissimos e lindissimos serviços de jantar, de chá e de toilette.

Preços e qualidade sem rival, igual á melhor louça das fabricas estrangeiras.

Não se deve comprar louça sem primeiro ver a de Sacavem.

N.º 176 — LISBOA, 5 DE JANEIRO

8.º ANO 1907

PARODIA

FUNDADOR

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se aos sabbados

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA

PREÇO AVULSO 40 RÉIS

Um mez depois de publicado 80 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs.	Brasil, anno 52 numeros 50000 rs.
Semestre, 26 numeros 12500 rs.	Africa e India Portuguesa, anno 25000 rs.
Cobrança pelo correio 5100 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros 35000 rs.

Nota: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data, tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

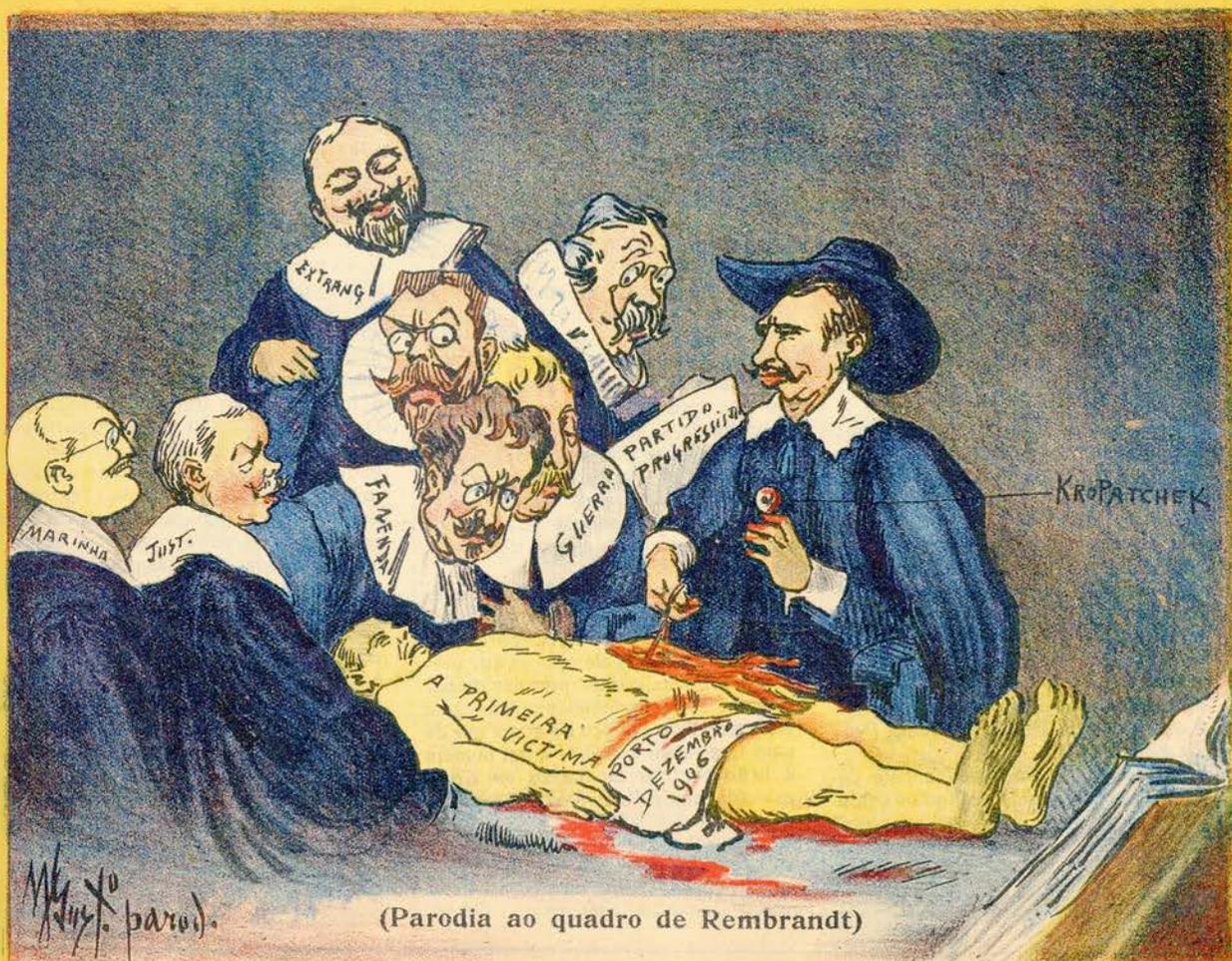
EDITOR — CANDIDO CHAVES

Composição e impressão

“A EDITORA,”

L. do Conde Barão, 50

LIÇÃO DE ANATOMIA POLITICA



(Parodia ao quadro de Rembrandt)

Carta ao sr. Mello e Sousa — N'esta

Ex.^{mo} Sr.

Uma indiscrição de algum dos seus amigos, ou do accaso, permittiu que um dos nossos jornaes da imprensa da manhã inserisse a reproducção em *fac-simile* de um cartão de visita de v. ex.^a, com os seguintes dizeres:

Meu caro amigo,

Muito me obsequieia comparecendo na estação do Terreiro do Paço, no proximo sabbado, ás 3 1/2 da tarde, para tomar parte na manifestação a Suas Magestades, no seu regresso. Tenho n'isto o mais vivo empenho e por isso seria grande favor se tambem conseguisse que alguns amigos seus o acompanhassem. Trajo usual, sem etiqueta.

Desde já obrigado

s/c 27 Dez. 1906.

E' este bilhete apocripheo?

V. ex.^a não o contestou. O bilhete é exacto e sendo exacto permitta nos v. ex.^a que lhe digamos que elle é consideravelmente divertido.

Com effeito quem são os personagens a favor de quem v. ex.^a pretendeu organisar uma espera, na estação do Terreiro do Paço?

São seus amigos? São seus socios? São seus commandatarios? São seus freguezes?

Esses personagens são — uma velha monarchia que se perde na noite dos tempos e que começou por andar vestida de ferro e por pelejar com os mouros, um principio que tem raizes seculares na sociedade politica, o velho mundo medieval que sobrevive, o antigo regimen, o antigo direito, n'uma palavra — os principes.

Por outro lado, quem é v. ex.^a?

Um negociante da praça de Lisboa; e que tem de commum aquelles factos consideraveis, archeologicos, vetustos, venerandos, com um negociante da praça de Lisboa?

V. ex.^a parece ter tomado sob a sua protecção a monarchia, a dinastia, o rei. O seu cartão de visita é uma recommendação a favor d'estes principios. A que titulo se permittiu v. ex.^a, José Adolpho de Mello e Sousa, recommendar aos seus amigos e ao publico em geral o rei de Portugal e dos Algarves, Ethiopia, Arabia, Persia e India?

V. ex.^a dá, com o seu bilhete de visita, a impressão de que tornou conta

da representação da casa de Bragança, como teria tomado conta da representação de uma nova marca de velas, e o que nos enche de admiração é a desinvoltura com que se desempenha d'este encargo.

V. ex.^a não está com meias medidas. Trata a monarchia como um novo artigo do seu commercio, em cartões de visita escriptos a correr e atirados á rua, ao accaso. Deu-se v. ex.^a simplesmente ao trabalho de os mandar passar ao copiador?

V. ex.^a é phenomenall!

Sabe simplesmente historia?

Sabe.

Se a sabe, como ousou trazel-a ao seu escriptorio, fazel-a esperar sentada n'um banco, junto do seu balcão, enquanto rabiscava á pressa os seus cartões de visita recommendando-a aos seus amigos da praça? Porque — ex.^{mo} sr. — foi isto o que v. ex.^a fez!

V. ex.^a tomou sob a sua protecção a historia e como foi que não comprehendeu, não diremos já o disparatado, o desconchavado, o grotesco, mas o ousado, o atrevido, o insplente, o solerte de semelhante situação?

V. ex.^a quiz fazer historia. Não o negue. Quiz. V. ex.^a quiz oppôr á Revolução — a Ordem.

Como?

Com o Anuario Commercial.

V. ex.^a quiz, por sua conta e risco, fazer esta coisa formidavel — reagir.

Como?

Com a Rua dos Capellistas.

Afinal, o que fez?

Achincalhou. Não o duvide. Achincalhou! Nunca as instituições soffrem maior desprestigio do que no dia em que appareceu publicado o cartão de visita de v. ex.^a e só assim v. ex.^a pôde realmente fazer historia, assignalando a impopularidade de um systema politico, pelo mais curioso documento que a leviandade dos homens ainda entregou ao exame dos historiadores.

Mostrando-as entregues nas suas mãos, v. ex.^a collocou as instituições n'uma situação vexatoria, porque as mostrou tão faltas de apoio que precisaram ou indicaram precisar do patronato de uma individualidade sem mais prestigio publico do que a que dá uma boa razão social, e a um homem é licito precisar de *Santos em Comandita*, ou de *Peres Successores*, mas

a um principio não é licito inculcar semelhante dependencia, sob pena de cahir no mais abjecto ridiculo.

N'esse ridiculo cahiram as instituições. Houve um momento da semana passada em que as instituições não tiveram a força do poder constituido, não tiveram a força da opinião, não tiveram a força do exercito, não tiveram a força da armada, mas tão sómente a força que v. ex.^a lhes emprestou, distribuindo alguns cartões de visita pelas ruas da Baixa.

E' preciso, ex.^{mo} sr., que o seu amigo e chefe politico, o Sr. João Franco, tenha anarchisado bem profundamente a sociedade portugueza para que taes factos se deem. Sob o sr. João Franco, a monarchia não se pertence. Não é já um principio, inviolado, embora impopular. E' uma casa sem portas nem janellas, onde todo a gente entra, se installa e faz o que quer. Hoje, coube a vez a v. ex.^a. Amanhã tocará a vez a outro. O rei tampouco se pertence. Está em todas as mãos d'estes novos monarchicos que tomaram conta d'elle para o perder, pondo-o á frente de um partido, trazendo-o para a zona inconstitucional e perigosa da responsabilidade e, finalmente, arrastando-o para a praça publica e fazendo d'elle um cabeça de motim.

Sim! Um cabeça de motim!

A manifestação, por exemplo, que v. ex.^a promoveu foi uma provocação á desordem.

O poder constituido defende-se, mas não combate e as manifestações publicas, tão ostensivamente preparadas como aquella de que v. ex.^a tomou a iniciativa, são formas de combate. O poder constituido não é um partido. Não é progressista, não é regenerador, não é franquista. E' o poder constituido, sem acção militante. Trazel-o para a praça publica é attribuir-lhe essa acção, tornal-o aggressivo e sujeito o a todas as vicissitudes de uma politica de aggressão.

Mas quê! V. ex.^a e os seus amigos pretendem a todo o transe que haja em Portugal uma monarchia franquista e d'esta solidariedade muito bem pode succeder que se o franquismo não se salvar, a monarchia tampouco se salve.

João RIMANSO.

O congresso seminarístico

Como o proprio titulo indica, o congresso seminarístico é um congresso todo mystico, que abriu a semana passada no Conde Barão, aqui mesmo ao pé dos escriptorios da *Parodia*.



Não podiam os seminaristas escolher sitio mais adequado para fazer uma coisa seria como o seu congresso.

Cá em casa, em attenção á solemnidade do acto que se passava na vizinhança, durante a semana estivemos todos com cara de caso.

O congresso abriu com uma fritada de Padre-Nossos mal passados, por ser dia de jejum, sendo logo posta á discussão uma posta d'aquelle bacalhau que originou a *grève* dos seminaristas de Beja ha pouco mais de um



Os debates correram com tal animação que, a breve trecho, da posta de bacalhau apenas restava a espinha, que foi enviada ao ministerio da justiça com uma bem elaborada representação do punho do relator da secção bacalhoal.

O governo, teso como os mais tesos, querendo dar uma prova de energia, mandou archivar a representação e offereceu a espinha ás Cosinhas Economicas, satisfazendo assim aquella parte do seu programma que trata do altissimo problema da alimentação publica.

Um dos congressistas mais illustres, mancebo que marca na classe dos seminaristas, leu uma extensa e erudita memoria sobre as varias formas de alimentação seminarística, fazendo ressaltar a inconveniencia da alimentação, muito evangelica, é certo, mas assaz parcimoniosa, das cruces na bocca.

O Congresso manifestou-se unanimemente em favor das cruces, que deseja em toda a parte, mas que entende não dever fazer á porta da entrada dos comestiveis.

A' hora a que escrevemos vae entrar em discussão o capitulo *Da Carne*, havendo congressistas que se inscreveram tres vezes por não lhes ser possivel em menos vezes despejarem o sacco das suas razões.



Seguirá o capitulo *Peixe*, que a requerimento de alguns seminaristas será desdobrado, entrando em discussão especial o artigo *Peixões*, para ser convenientemente ventilada a questão da vida em commum com os clerigos das amas, primas, tias e mais parentes proximos do sexo fraco. E' natural que n'esta altura volte á tela da discussão o bacalhau, que é, afinal, de todos os generos alimenticios o que mais faz passar a lingua pelos beiços a padres e seculares.

Deus illumine os seminaristas durante a discussão de todos os capitulos, com exclusão do dos *Peixões*.

N'essa altura será conveniente que Nosso Senhor os deixe ás escuras. Palpita-nos que a coisa ha de ir á tesa!



O preço do leite

O nosso illustre camarada João de Menezes que ha muito se vem empenhando na *Lucta* pelo barateamento dos generos alimenticios — que bella dona de casa se perdeu n'este Menezes! — afirmava ha dias que um litro de leite custa: na America 62 réis; na Allemanha, 47; na Belgica 32 a 60, na Hollanda, 26; na Dinamarca, 22 o em Lisboa, um tostão.

Menezes acha isto um horror, mas nós sentimos não estar de accordo.

E' certo que em parte alguma o leite é caro como em Lisboa. Mas, tambem em parte nenhuma elle custa tanto a fazer como cá.

E tudo custa dinheiro. Só a mão d'obra!



Theatro de D. Maria

Affonso d'Albuquerque

A *Parodia* associa-se com o seu incondicional applauso ás manifestações de apreço prestadas unanimemente pelo publico ao novo original portuguez, *Affonso d'Albuquerque*, peça de Henrique Lopes de Mendonça, actualmente em scena no theatro de D. Maria.

Ao illustre poeta e a todos os interpretes do *Affonso d'Albuquerque*, á frente Brazão, enviamos sincerissimas felicitações pelo grande e merecido triumpho que alcançaram.



A sellagem da agua-pé e a porcaria da agua da Companhia

Representação ás Côrtes elaborada por dois cidadãos pingados

Aos Senhores deputados
D'esta nação portugueza,
Vem os abaixo assignados,
Com toda a delicadeza,
Contra o facto protestar
Em seu nome e mais do Zé,
De ser mandada sellar
A bella di-a agua-pé;
Emquanto pela cidade,
E com toda a porcaria
Corre livre e á vontade
A agua da Companhia

Aqui vimos pedir, pois,
Que se dê mui brevemente
Satisfação cá aos dois.
E a outra muita gente.
E que em vista da citada,
Seja já, sem mais aquella,
A agua-pé encanada
E sellado o Alviella.

Haja vida e saudinha.
Abaixo a agua do pote!

POLYCARPO TACHADINHA.
ANASTACIO TACHADOTE.



Parodia

O DIA DE REIS



RAPHAEL BORDALO PINHEIRO

Levantar-se-ha?

(EXTRAHIDO DO "ANTONIO MARIA" DE 1881)

O ROL DOS SANTOS REIS

1. O conde D. Henrique, a quem o rei de Lillo deu o Zé Povinho para elle e para os que d'elle descendessem — 2. D. Affonso Henriques, o bandeiro, filho de uma dama alegre que deitou a sua cecia por cima dos mochos, fundador da monarchia — 3. D. Sancho I, o povoador. Assim chamado pela copia de bastardos com que dotou o reino — 4. D. Sancho II, o cevado. Jaz na salgadeira d'Alcobaca — 5. D. Affonso II, um bellissimo que a Igreja amansou por dedicaçã evangelica à força de jejuns, de acollas e d'outras mimas ecclesiasticas — 6. D. Affonso III, o fraca reiha — 7. D. Diniz, o ftoa — 8. D. Affonso IV. Legislen sabiamente sobre o modo de pentear, de cortar e de repar o cabelo a todos os seus subditos, judeus, mouros e christãos. Foi o pae dos barbeiros — 9. D. Pedro I. Legabafe, bordada e lguas! — 10. D. Fernando, estremeza esposa da princesa que foi seu marido — 11. D. João, Mestre d'Aviz, o da operaçã cesarea à cabeça do conde Andeiro — 12. D. Duarte, sneteo do Leal Conselheiro, obra immensa de que se fez o Conselheiro Yeiga e o epilepto — 13. D. Affonso V. Rulha pela sua snasoria na Africa e em França, encaimão ao seu povo das importantes coisas: primeiro, a viajar; segundo, a passar sem elle — 14. D. João II, cujo panhal tão rogachosamente seprehenden pelo ventre o duque de Vizeu — 15. D. Manuel, o da casella e do cravo de ledia — 16. D. João III. Antecipa a invenção dos caloriferos aperecendo com herejes as egrjas, e previu a illuminaçã a gaz accendendo judeus nas ruas — 17. D. Sebastião, sebastianista de si mesmo — 18. D. Henrique, Simplifren o officio de rei van (officio de defuntos) — 19, 20, 21. Philippe I, Philippe II e Philippe III, os tres perros castelhanos, amarrados para eterno escuramento de lavasora aos trombones da phylarmonica Primeiro de Dezembro — 22. D. João IV, o que levantou na historia os dois gritos heroicos: Primeiro: Viva a independencia e mais futo o que vós quizerdes! Segundo: Al rico corpação da minha alma! a Virgen do Courelado me culla! — 23. D. Affonso VI, o imbecil — 24. D. Pedro II, o boboso — 25. D. João V, o sacristão — 26. D. José I, o Scllissimo, cu seja por abreviatura, o Zé Fidels — 27. D. Maria I, a hydroptica d'agua benta — 28. D. João VI, clemencia e marmelada! — 29. D. Miguel, o que assignava as sentenças de morte ortographando o nome d'esta fórma — Miguel — 30. D. Pedro IV. Liberal constituição e D. Maria, ou carga! — 31. D. Maria II, a boa sebhora gorda, d'azul e branco — 32, 33, 34, etc., a bem conhecida familia da boa sebhora gorda d'azul e branco.

Uma boa operação commercial

De todo o nosso coração felicitamos o entusiastico commerciante e honrado monarchico d'esta praça, sr. A. J. Gomes Netto, pela brilhantissima operação commercial realisada por s. ex.^a na occasião da chegada de Suas Magestades e Altezas a Lisboa, no seu regresso de Villa Viçosa.



O sr. Gomes Netto demonstrou mais uma vez o seu extraordinario tacto commercial, já pelo preço excessivamente baixo por que obteve o grande stock de variados vivas que foram gritados, já pelo preço razoavel por que poz á disposição dos republicanos os catraios da sua propriedade, em que os alludidos radicaes se fizeram conduzir ao largo do formoso Tejo de christal, d'onde soltaram vivas ao sr. Affonso Costa e a outros santos da sua devoção, sem incommodo de maior para a ex.^{ma} policia civil e incivil que de terra ouviu e calou como uma catita.



N'estas circunstancias, o sr. Gomes Netto ficou bem com Deus, a quem lisonjeou, e não ficou de mal com o Diabo, a quem prestou um bom serviço por preço modico, e cujas costellas livrou de uma boa data de sabre, a tai que se torna precisa como pão para a bocca, como disse em tempos um grande homem cujo nome, por accordo unanime, nunca vem para o caso.

Assim é que ella se leva direita. Ninguem sabe para o que está n'este mundo nem o que venha a ser o dia de amanhã.

Póde muito bem succeder que o sr. Gomes Netto ainda tenha de dar vivas ao sr. Bernardino Machado no Terreiro do Paço e venha alugar, pela mesma occasião, os seus catraios a quem queira ir para o liquido elemento dar vivas ao sr. D. Carlos.

Tudo é negocio. No entanto, a realisar-se esta ultima hypothese, quer-nos parecer que o negociosinho da semana passada prevaleceria como mais vantajoso

Os republicanos, coitados, pagam á bocca do cofrê.
Até ás favas!



Pescada do alto e carapau de gato

Um jornalista de Lisboa pergunta n'um jornal do Porto:

«Serão, realmente, lindas as lisboetas?»



A' falta de pessoa mais idonea para satisfazer á pergunta supra, somos a dizer ao collega que a resposta a dar n'este caso não póde ser concludente.

Relativamente ás lisboetas estamos como com o carapau de gato. Ha de tudo. Branco e negrão.

Ha quem só coma do branco e ha quem prefira o negrão.



E ha tal que se atira ao branco e ao negrão, indistinctamente e se depois se não põe a lambar ao sol, como os gatos, é por causa da moral.

A lisboeta é linda é não é. Quando lhe dá para ser linda, é o que se chama um amorzinho. Tambem, se lhe dá para ser feia, não ha estafermo que se lhe compare.



Mas, como o carapau, lindas e feias teem uma extracção enorme.

O carapau e a mulher — eis os dois grandes negocios em Lisboa.

Se o collega se quer certificar d'isto, dê-se ao trabalho de percorrer essas ruas dia e noite.



O dia é do carapau:

— Venha abaixo, menina!

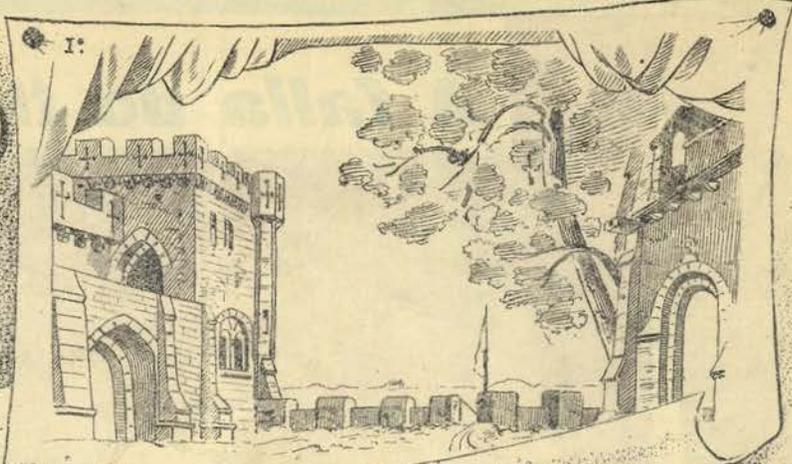
A noite é do outro peixe,

— Vem cá acima, menino!



Preço: trinta réis o quarteirão.

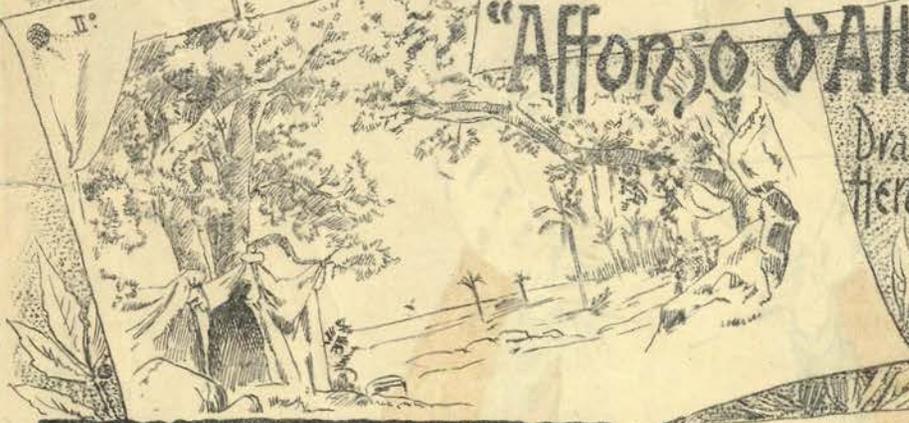
THEATRO D. MARIA



"Affonso d'Albuquerque"

Drama-historico-em-verso-de
Henrique Lopes de Mendonça

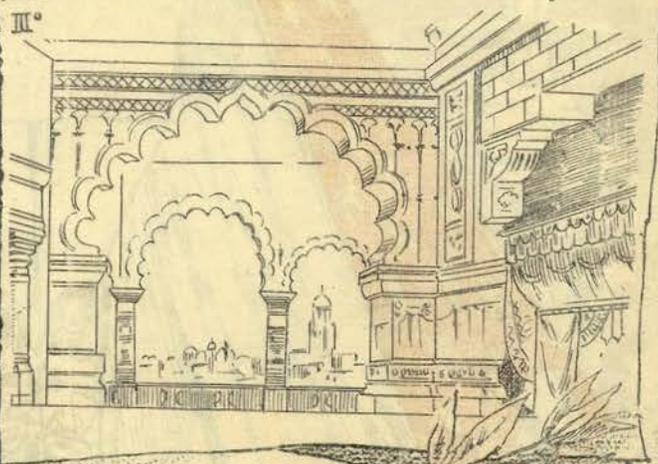
As scenas
do 1º, 2º, 3º e 4º acto de
Augusto Pina



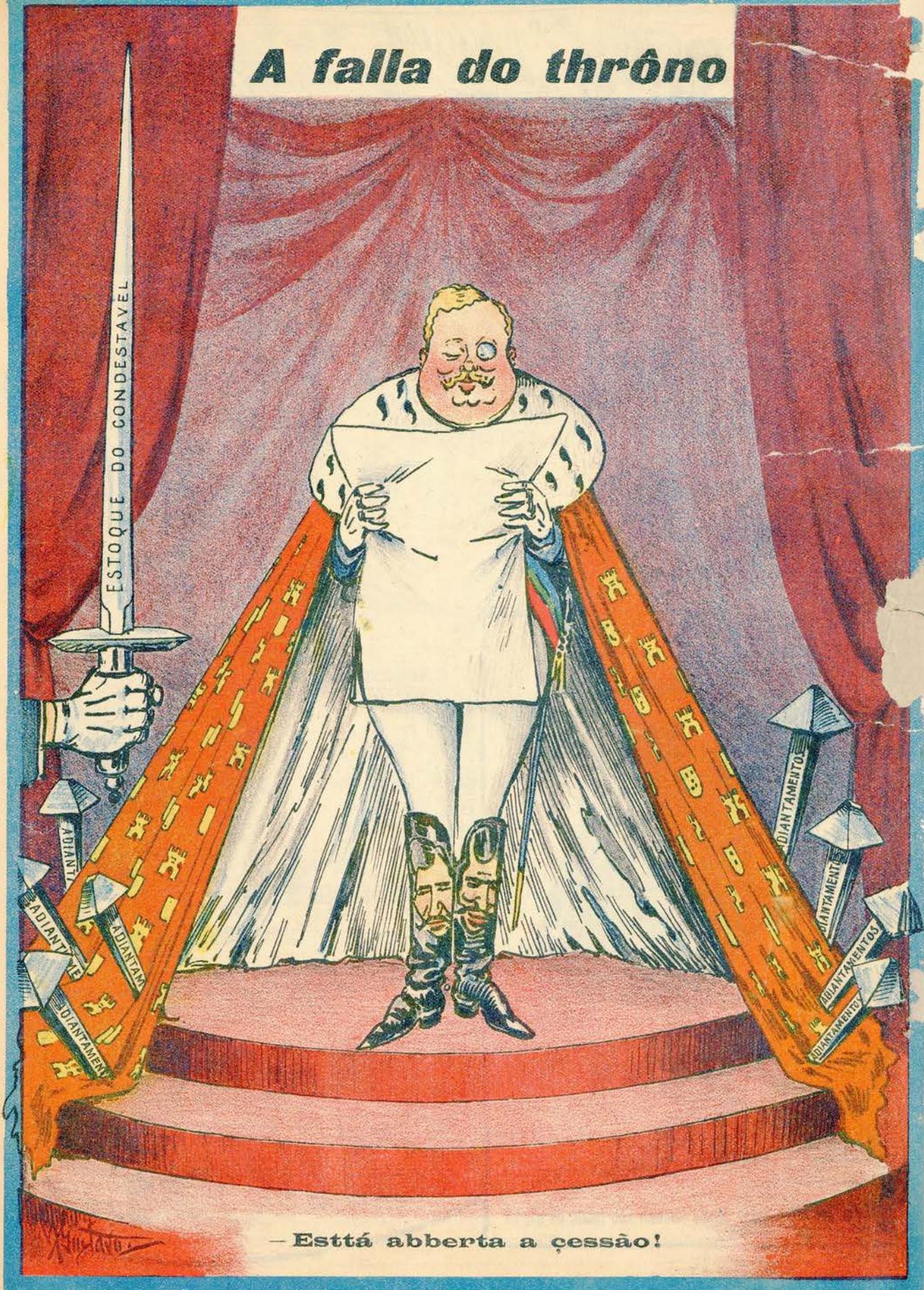
O silencio nos bosques (Capicatura de Francisco Teixeira)



Um laparo — Então depois tambem não falam de nós ?!



A falla do thrôno



— Esttá abberta a çessão!



Inoffensivo, de absoluta pureza, cura dentro de **48 HORAS**

corrimentos que exigiam outr'ora semanas de tratamento com copahiba, cubebes, opiatas e injeções. Sua efficacia é universalmente reconhecida nas affecções da bexiga, na cystite do côlo, no catarrho vesical, na hematuria.

Cada Capsula tem impresso com tinta preta o nome



PARIS, S, rua Vivienne, e em todas as Pharmacias.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO AO PUBLICO

A partir do dia 1.º de Janeiro de 1907 é posta em vigôr a tarifa especial n.º 15 de p. v. para transporte de alcool, aguardente e vinhos communs em wagons reservatorios, pertencentes aos expedidores ou consignatarios, ou como tal considerados.

Para mais esclarecimentos, pôdem os interessados consultar a tarifa ou obtê-la por compra nas estações d'esta Companhia.

Lisboa, 12 de Dezembro de 1906.

O Director Geral da Companhia

A. Leproux

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

SERVIÇO DOS ARMAZENS

Fornecimento de 360 toneladas d'oleo mineral

No dia 17 de Dezembro pela 1 hora da tarde na estação central de Lisboa (Rocio) perante a Comissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de

360 toneladas d'oleo mineral escuro

As condições estão patentes em Lisboa na repartição central do Serviço dos Armazens (edificio da estação de Santa Apollonia) todos os dias uteis das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, e em Paris, nos escriptorios da Companhia, 28, rua de Châteaudun.

O deposito para ser admittido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação central do Rocio.

Lisboa, 4 de Dezembro de 1906.

O Director Geral da Companhia

(a) **A. Leproux**

COMPAGNIE

DES

Messageries Maritimes

Paquebots poste français

LINHA TRANSATLANTICA

Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres

Cordillère, commandante Richard, que se espera de Bordeaux em 24 de dezembro.

Para Dakar, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres

Atlantique, commandante Latarte, que se espera de Bordeaux em 7 de janeiro.

Preço da passagem em 3.ª classe de Lisboa para o Brazil, 37\$000 réis.

Preço da passagem em 3.ª classe de Lisboa para Montevideu ou Buenos-Ayres, 42\$000 réis.

Para Bordeaux, em direitura

Sahirão os paquetes:

Chili, commandante Oliver, que se espera do Brazil em 27 de dezembro.

Magellan, commandante Dupuy Fromy, que se espera do Brazil em 11 de janeiro.

Para passagens de todas as classes, carga e quaesquer informações trata-se na Agencia da Companhia — 32, rua Aurea.

Para passagens de 3.ª classe trata-se tambem com os srs. Orey Antunes & C.ª — 4, Praça dos Remolares, 1.º.

Os Agentes,

ten. **Sociedade Torlades**

32, Rua Aurea.

**EMPRESA DA
Fabrica de Vidros nas Lobatas, L.**

FABRICA: Na Amora, Quinta das Lobatas
ESCRITORIO: Praça do Municipio, 11, Lisboa

Garrafas de diversos tipos
e garrafões empalhados

Grande fabrico de

GARRAFÕES QUADRANGULARES

Em vidro ou empalhados de 20 ou 25 litros



